

# "DO MOVIMENTO"

## Sobre a pintura de Carlos Eirão

Texto de: Fernando António Baptista Pereira

Meu caro visitante, meu caro espectador, meu caro leitor: se acabou de entrar na Casa do Corpo Santo para ver a exposição de Carlos Eirão decerto não ficará alheio ao facto de ter penetrado num espaço patrimonial de grande qualidade artística, não só pelas manifestações plásticas barrocas que o definem como envólucro, mas também pelas pinturas que o habitam de momento. Em breve perceberá que as relações que são perceptíveis entre o cenário de há trezentos anos e os quadros de hoje resultam não apenas da conveniência de utilização deste pequeno museu barroco como galeria: esta simples exposição também pode ser considerada como uma instalação, que não procura desconstruir ou desmistificar o espaço, pela obsessiva exploração da antinomia, mas tornar explícitos os mecanismos da própria retórica do discurso barroco que subjaz a toda a construção, numa atitude de transversalidade perante a História que deve ser, cada vez mais, a da Pintura.

Vejam os quadros respondem a esta intencionalidade. Logo à primeira impressão, são os fundos escuros, quase sempre a negro ou a castanho; ocupando superfícies consideráveis nos formatos generosos das pinturas, que instalam a atmosfera dramática. Dir-se-ia uma citação do tenebrismo (na consciência do Tempo que tudo consome) mas também poderíamos estar perante uma referência ao sublime dinâmico do romantismo (a grandiosidade da Natureza perante a qual o homem, na sua finitude, pensa o infinito) ou, como é mais provável, ante simbologias e processualidades análogas, escritas na linguagem do nosso tempo.

Desse aparente vazio do mundo que nos rodeia, que também pode ser o cheio da temporalidade que nos define, emergem figuras em movimento, que o gesto petrificador da pintura tenta fixar no instante da exacta duração da acção.

Nas pinturas de Carlos Eirão distingue-se uma iniludível unidade de meios de pesquisa e uma acentuada originalidade de processos de execução técnica que conduzem a resultados plásticos da poderosa harmonia de formas e de efeito avassaladoramente atractivo sobre o espectador. Isto acontece, fundamentalmente, como já demos a entender, pela simples razão de o pintor procurar capturar, numa imagem intrinsecamente fixa, que é a que a pintura produz, a indissolúvel qualidade da figura que é o movimento. O movimento que se materializa na captação do instante ou no desenho do gesto, torna-se, assim, nas composições de Eirão, signo da vida, manifestação de existência no mundo. O mundo -essa instância da fugacidade, por excelência -manifesta-se, por seu turno, pela ausência de luz, que apenas pouso na figura, definindo-a, recortando-a, corroendo-a talvez, numa terrífica metáfora da usura do Tempo sobre tudo quanto vive e mexe. Tecnicamente falando, as práticas convergem nos propósitos simbólicos: a corrosão da matéria negra de fundo, através da qual a figura abre clareiras de luz -fulcro unificador do equilíbrio de todas as composições -é obtida mediante tintas diluídas que reagem a ácidos, principalmente à lixívia; os acrílicos (tintas magras) servem para a execução de base, sendo os acabamentos a óleo (tintas gordas).

Será Carlos Eirão um pintor neo-barroco, citando, com grande vontade, referências processuais, atitudes e simbologias de um discurso cujas virtualidades, escamoteadas ou recalçadas, a pós-modernidade põs em relevo? A subtração da figura ao fundo, pelo manejo da luz, a construção das composições em diagonais, ou uma certa trivialidade quotidiana dos gestos desenhados na captação do instantâneo, para não falar das próprias referências simbólicas mais evidentes -tudo isso parece confirmar a classificação, se a ela acrescentarmos uma atracção muito neo-romântica pelo sublime, na constatação da pequenez da figura humana ao enfrentar-se com a grandiosidade do Tempo e da Natureza. Mas, como todas as classificações, os rótulos só servem para nos aproximarmos da individualidade das obras e nelas descortinarmos o que está para além da taxonomia, que, no caso da pintura de Carlos Eirão, nos abre um universo de reinvenção plenamente actual de linguagens que julgávamos situadas na História e que, afinal, fazem parte de uma espécie de modo eternamente recorrente da Pintura.